

JOHN

*AUTOR DE
A CULPA É DAS
ESTRELAS*

GREEN

ANTROPOCENO:

NOTAS SOBRE A

VIDA NA TERRA

ANTROPOCENO: NOTAS SOBRE A VIDA NA TERRA

**JOHN
GREEN**

Tradução de Alexandre Raposo e Ulisses Teixeira



Copyright © 2021 by John Green

Todos os direitos reservados, incluindo a reprodução total ou parcial em qualquer meio.

Publicado mediante acordo com Dutton, um selo de Penguin Publishing Group, uma divisão de Penguin Random House LLC.

Poema “who are you, little i”, de e. e. cummings (página 142), em tradução livre.

Copyright © 1963, 1991, by the Trustees for the E. E. Cummings Trust. Retirado de *Complete Poems: 1904–1962* de E. E. Cummings, editado por George J. Firmage. Uso autorizado por Liveright Publishing Corporation.

Poema “The Hope”, de Emily Dickinson (página 192), em tradução livre.

Retirado de *The Poems of Emily Dickinson, Reading Edition*, editado por Ralph W. Franklin Cambridge, Mass.: The Belknap Press of Harvard University Press, Copyright © 1998, 1999 by the President and Fellows of Harvard College. Copyright © 1951, 1955, 1979, 1983 by the President and Fellows of Harvard College.

Jovens fazendeiros [Young farmers], de August Sander, 1914 (impressão em gelatina de prata, 23,3 x 17 cm), na página 364: © Die Photographische Sammlung / SK Stiftung Kultur – August Sander Archiv, Cologne / ARS, NY 2021.

Imagem cedida por The J. Paul Getty Museum, Los Angeles © J. Paul Getty Trust.

Fotografias de Otto Krieger e August Klein nas páginas 368 e 371: © Reinhard Pabst, Montabaur (Alemanha)

TÍTULO ORIGINAL
The Anthropocene Reviewed: Essays
on a Human-Centered Planet

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

PREPARAÇÃO
Ilana Goldfeld
Marluce Faria

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING
Henrique Diniz

REVISÃO
Thais Entriel
Mariana Oliveira

ARTE DE CAPA
Grace Han

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G83a

Green, John, 1977-

Antropoceno : notas sobre a vida na Terra / John Green ; tradução Alexandre Raposo, Ulisses Teixeira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
384 p. ; 21 cm.

Tradução de: The anthropocene reviewed : essays on a human-centered planet
ISBN 978-65-5560-272-2

1. Civilização - História. 2. Conflito social. 3. História social. I. Raposo, Alexandre. II. Teixeira, Ulisses. III. Título.

21-71557

CDD: 909
CDU: 930.85

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

INTRODUÇÃO

MEU LIVRO *Tartarugas até lá embaixo* foi publicado em outubro de 2017. Depois de passar o mês em turnê para promover a obra, voltei para minha casa em Indianápolis e abri caminho entre a casa na árvore dos meus filhos e o local onde minha esposa e eu costumamos trabalhar, um lugar que, dependendo da sua visão de mundo, pode ser um escritório ou um galpão.

Não estou falando de um caminho metafórico. Era um caminho de verdade no bosque, e, para abri-lo, cortei dezenas das prolíficas e invasivas madressilvas que abarrotam a área central de Indiana, arranquei a hera que tinha dominado o espaço, então cobri a trilha com serragem e coloquei tijolos nas laterais. Trabalhei nisso dez ou doze horas por dia, cinco ou seis dias por semana, durante um mês. Quando enfim acabei, cronometrei quanto tempo demorava para ir do nosso escritório até a casa na árvore. Cinquenta e oito segundos. Levei um mês para construir uma trilha de 58 segundos no bosque.

Uma semana depois, estava procurando um protetor labial em uma gaveta quando de repente, sem nenhuma razão, perdi

o equilíbrio. O mundo começou a girar e a rodopiar. Subitamente, eu era um bote minúsculo em alto-mar. Meus olhos tremeram nas órbitas, e comecei a vomitar. Fui levado às pressas ao hospital, e, por semanas, o mundo continuou rodando e rodando. Por fim, fui diagnosticado com labirintite, uma doença do ouvido interno com um nome maravilhosamente ressonante, que, ainda assim, é uma experiência que merece apenas uma estrela como nota.

A recuperação da labirintite me fez passar semanas na cama, sem poder ler, assistir à TV ou brincar com meus filhos. Tinha apenas meus pensamentos — por vezes, flutuavam em um céu letárgico; por outras, me aterrorizavam com sua insistência e onipresença. Durante aqueles dias longos e ociosos, minha mente vagou por toda parte, perambulando pelo passado.

Certa vez, perguntaram à escritora Allegra Goodman: “Quem você gostaria que escrevesse a história da sua vida?” Ela respondeu: “Parece que eu mesma a estou escrevendo, mas, como sou romancista, está tudo codificado.” Comecei a sentir que, no meu caso, algumas pessoas julgavam saber o código. Elas presumiam que eu e os protagonistas dos livros compartilhávamos da mesma visão, ou me faziam perguntas como se eu fosse o protagonista. Um entrevistador famoso me questionou se eu, como a narradora de *Tartarugas até lá embaixo*, tinha ataques de pânico enquanto beijava alguém.

Passei a atrair esse tipo de pergunta quando assumi publicamente que tinha um transtorno mental, mas, de todo modo, falar tanto sobre mim no contexto da ficção começou a me deixar exausto, além de um pouco desestabilizado. Respondi ao entrevistador que não, não sinto nenhuma ansiedade em relação a beijar, mas tenho, sim, ataques de pânico, e eles são

extremamente assustadores. Conforme falava, me senti distante de mim mesmo — como se meu eu não fosse realmente meu, mas algo que eu estivesse vendendo ou, no mínimo, alugando em troca de uma boa publicidade.

Enquanto me recuperava da labirintite, percebi que não queria mais escrever em códigos.

Em 2000, trabalhei por alguns meses como aprendiz de capelão em um hospital infantil. Na época, estava matriculado em um seminário e pretendia me tornar ministro episcopal, mas o tempo que passei no hospital me fez abandonar esses planos. Não conseguia suportar a devastação que via lá. Ainda não consigo. Em vez de ir ao seminário, me mudei para Chicago e trabalhei como datilógrafo em agências de empregos temporários, até conseguir um cargo em que seria responsável por alimentar o banco de dados da *Booklist*, uma revista bissemanal especializada em crítica literária.

Em poucos meses tive a primeira chance de escrever uma crítica, depois que uma editora da revista me perguntou se eu gostava de livros de romance. Falei que os adorava, e ela me deu um livro que se passava na Londres do século XVII. Nos cinco anos seguintes, avalei centenas de obras para a *Booklist* — de livros ilustrados sobre Buda a coletâneas de poesia — e, no processo, fiquei fascinado pelo formato da crítica. As críticas da *Booklist* eram limitadas a 175 palavras, o que significava que cada frase tinha múltiplas funções. Em todas as críticas, o objetivo era apresentar o livro e, ao mesmo tempo, analisá-lo. Nossos elogios precisavam caminhar lado a lado com nossas ressalvas.

Na *Booklist*, as críticas não têm um sistema de avaliação de cinco estrelas. Por que teriam? Cento e setenta e cinco palavras comunicam muito mais a leitores em potencial do que qualquer dado único. A escala de cinco estrelas começou a ser usada em análises críticas apenas nas últimas décadas. Embora tenha aparecido ocasionalmente na classificação de filmes já nos anos 1950, o sistema só passou a ser utilizado para qualificar hotéis em 1979, e não era muito comum em críticas literárias até a Amazon introduzir as avaliações dos usuários.

Na verdade, a escala de cinco estrelas não existe para os seres humanos, mas para sistemas de compilação de dados, e é por isso que só se tornou padrão na era da internet. Tirar conclusões sobre a qualidade de um livro baseado em uma crítica de 175 palavras é difícil para inteligências artificiais; por outro lado, avaliações por estrelas são ideais para elas.

É tentador transformar a labirintite em uma metáfora: faltava equilíbrio na minha vida, então fui acometido por um transtorno que causava desequilíbrio. Passei um mês construindo uma trilha em linha reta apenas para ser informado de que a vida não segue linhas retas — só labirintos vertiginosos que se fecham em si mesmos. Ainda agora estou estruturando esta introdução como um labirinto, voltando a lugares dos quais pensava já ter saído.

Porém, nos meus livros *Tartarugas até lá embaixo* e *A culpa é das estrelas*, tentei justamente escrever contra a metafóricação das doenças. Espero ao menos ter retratado o TOC e o câncer não como batalhas a serem vencidas, nem como manifestações

simbólicas de falhas dos personagens ou algo assim, mas como males com os quais precisamos conviver da melhor forma possível. Não tive labirintite porque o universo queria me ensinar uma lição sobre equilíbrio. Então tentei conviver com a doença da melhor forma possível. Em seis semanas, estava consideravelmente melhor, mas ainda sofro ataques apavorantes de vertigem. Sei agora, com uma certeza visceral que não tinha antes, que a consciência é temporária e precária. Não é uma metáfora dizer que a vida humana é um delicado exercício de equilíbrio.

Conforme fui melhorando, pensei no que faria com o resto da minha vida. Voltei a gravar um vídeo toda terça e um podcast semanal com meu irmão, mas não estava escrevendo. Aquele período de outono e inverno foi o mais longo que passei sem tentar escrever para o público desde que eu tinha catorze anos. Sentia falta de escrever, mas como quem sente saudade de uma pessoa que já deixou de amar.



Saí da *Booklist* e de Chicago em 2005, porque minha esposa, Sarah, começou a fazer uma pós-graduação em Nova York. Quando terminou o curso, nos mudamos para Indianápolis, onde Sarah passou a trabalhar no Indianapolis Museum of Art como curadora de arte contemporânea. Moramos aqui desde então.

Li tanta coisa na *Booklist* que não lembro qual foi a primeira vez que me deparei com a palavra “Antropoceno”, mas deve ter sido por volta de 2002. O termo “Antropoceno” foi proposto para designar a era geológica atual, em que os seres humanos remodelaram o planeta e sua biodiversidade de maneira profunda. Nada é mais humano do que engrandecer

seres humanos, mas somos uma força extremamente poderosa na Terra do século XXI.

Meu irmão Hank, que começou a vida profissional como bioquímico, me explicou assim certa vez: “Sendo uma pessoa, seu maior problema são outras pessoas. Você é vulnerável a elas e depende delas. Mas imagine que você é um rio, um deserto ou um urso-polar do século XXI. Seu maior problema *ainda são as pessoas*. Você continua vulnerável a elas, ainda depende delas.”

Hank tinha me acompanhado na turnê do meu livro no outono de 2017, e, para passar o tempo durante as longas viagens entre as cidades, buscávamos no Google as avaliações dos lugares pelos quais passávamos, e então competíamos pela mais absurda. Um usuário chamado Lucas, por exemplo, deu ao Badlands National Park uma estrela. “Não tem montanhas suficientes”, alegou.

Do meu tempo como crítico literário até hoje, todo mundo virou crítico e tudo se tornou passível de críticas. O sistema de cinco estrelas foi aplicado não apenas a livros e filmes, mas também a banheiros públicos e fotógrafos de casamento. O remédio que tomo para tratar meu transtorno obsessivo-compulsivo tem mais de 1.100 avaliações no Drugs.com, com uma média de 3,8. Uma cena na adaptação cinematográfica do meu livro *A culpa é das estrelas* foi filmada em um banco em Amsterdã; agora, esse banco tem centenas de avaliações no Google. (Minha favorita, de três estrelas, diz simplesmente: “É um banco.”)

Enquanto Hank e eu nos impressionávamos com a súbita onipresença da escala de cinco estrelas, falei para ele que, anos antes, tive a ideia de escrever uma crítica do ganso-do-canadá.

Hank disse: “uma crítica do... ANTROPOCENO.”



Cheguei a escrever algumas dessas críticas em 2014 — como a do ganso-do-canadá e uma sobre o refrigerante Diet Dr Pepper. No início de 2018, mostrei-as para Sarah e pedi sua opinião.

Quando avaliava livros, “eu” nunca aparecia na crítica. Eu me imaginava como um observador desinteressado, escrevendo à distância. Minhas primeiras críticas ao Diet Dr Pepper e ao ganso-do-canadá foram escritas nesse mesmo estilo de não ficção, como um narrador onisciente em terceira pessoa. Depois de sua leitura, Sarah chamou minha atenção para o fato de que, no Antropoceno, não há observadores desinteressados; há apenas participantes. Ela me explicou que, quando as pessoas escrevem avaliações, estão, na verdade, escrevendo uma espécie de livro de memórias — aqui está a *minha* experiência ao comer nesse restaurante ou ter o *meu* cabelo cortado nessa barbearia. Eu tinha escrito 1.500 palavras sobre Diet Dr Pepper sem mencionar uma única vez meu amor eterno e profundamente pessoal pelo refrigerante.

Na mesma época, conforme recuperava meu senso de equilíbrio, reli o trabalho de minha amiga e mentora Amy Krouse Rosenthal, que morrera poucos meses antes. Certa vez, ela escreveu: “Para qualquer um que esteja tentando descobrir o que fazer da vida: PRESTE ATENÇÃO AO QUE VOCÊ PRESTA ATENÇÃO. Essa é basicamente toda a informação de que você precisa.” Minha atenção tinha se tornado tão fragmentada, e meu mundo, tão barulhento, que eu não estava prestando atenção ao que eu prestava atenção. Porém, quando segui o conselho de Sarah e me inseri nas críticas, senti, pela primeira vez em anos, que estava ao menos tentando fazer isso.

Este livro começou como um podcast, no qual eu procurava explicar algumas contradições da vida humana baseado nas minhas experiências — como podemos ser tão compassivos e tão cruéis, tão persistentes e tão suscetíveis ao desespero. Acima de tudo, queria entender a contradição do poder humano: temos, ao mesmo tempo, um poder que é excessivo e insuficiente. Somos poderosos o bastante para mudar radicalmente o clima da Terra e sua biodiversidade, mas não para escolher *como* realizar essas mudanças. Somos tão poderosos que conseguimos escapar da atmosfera do planeta, mas não temos poder suficiente para salvar aqueles que amamos do sofrimento.

Também queria escrever sobre alguns dos pontos em que minha vida ínfima se choca com as grandes forças do Antropoceno. No início de 2020, depois de dois anos escrevendo o podcast, uma força excepcionalmente grande surgiu na forma de um novo coronavírus. Comecei a escrever sobre o único assunto possível. Em meio à crise — que ainda está acontecendo em abril de 2021, momento em que escrevo este texto —, encontro vários motivos para ter medo e me lamentar. Mas também vejo seres humanos trabalhando juntos para compartilhar e distribuir o que aprendemos coletivamente, e vejo pessoas trabalhando em união para cuidar dos doentes e vulneráveis. Mesmo separados, existe uma ligação profunda entre todos nós. Como Sarah me disse, não há observadores; apenas participantes.

No final de sua vida, o grande autor de livros ilustrados Maurice Sendak disse no programa *Fresh Air*, da NPR: “Eu choro

muito porque sinto saudade das pessoas. Choro muito porque elas morrem, e não consigo impedi-las de morrer. Elas me abandonam, e eu as amo ainda mais. Conforme envelheço, vou descobrindo que sou apaixonado pelo mundo.”

Levei a vida inteira para me apaixonar pelo mundo, mas comecei a sentir isso nos últimos anos. Apaixonar-se pelo mundo não é ignorar ou deixar de ver o sofrimento, seja humano ou não. Para mim, pelo menos, apaixonar-se pelo mundo é olhar para cima, para o céu noturno, e sentir nossa mente flutuar perante a beleza e a distância das estrelas. É abraçar nossos filhos quando eles choram, observar os sicômoros se desfolharem no início do verão. Quando meu peito começa a doer, e minha garganta aperta, e as lágrimas enchem meus olhos, quero me afastar dos sentimentos. Quero usar a ironia para evitá-los, ou qualquer outro artifício que me impeça de sentir diretamente. Todos nós sabemos como o amor termina. Mas quero me apaixonar pelo mundo mesmo assim, permitir que ele me invada por completo. Quero sentir o que há para sentir enquanto eu estiver aqui.

Sendak encerrou a entrevista com suas últimas palavras para o público: “Viva a sua vida. Viva a sua vida. Viva a sua vida.”

Esta é a minha tentativa de fazer isso.

Muitos dos ensaios a seguir apareceram pela primeira vez, sob formas diferentes, no podcast *The Anthropocene Reviewed*, uma coprodução da WNYC Studios e da Complexly. Partes de outros ensaios foram apresentadas pela primeira vez na série *The Art Assignment*, da PBS Digital, criada e produzida por Sarah Urist Green, ou no canal vlogbrothers do YouTube. As notas ao final de cada ensaio não pretendem esgotar o assunto (nem o leitor), mas, em vez disso, são uma introdução para aqueles interessados em leituras complementares e outras experiências que constituíram os textos.

Este é um trabalho de não ficção, mas tenho certeza de que minha memória falhou muitas vezes. Em determinados momentos, também mudei detalhes ou caracterizações a fim de preservar o anonimato das pessoas.

As notas e fontes foram compiladas com a ajuda de Niki Hua e Rosianna Halse Rojas, sem as quais este livro não teria sido possível. Quaisquer erros são exclusivamente meus.

“YOU’LL NEVER WALK ALONE”*

É MAIO DE 2020, E MEU CÉREBRO não foi feito para isso.

Cada vez mais percebo que estou me referindo ao assunto como “isso”, sem dar um nome nem precisar fazê-lo, porque estamos compartilhando uma rara experiência humana tão global que o pronome não requer antecedente. Horror e sofrimento abundam por toda parte, e quero que a escrita seja um momento de descanso. Ainda assim, isso encontra um meio de invadi-la — como a luz através de persianas, como uma inundação através de portas fechadas.

Imagino que você esteja lendo este texto no meu futuro. Talvez esteja lendo em um futuro tão distante do meu presente que “isso” já tenha acabado. Sei que nunca vai acabar de verdade — o próximo normal será diferente do anterior. Mas haverá um próximo normal, e espero que você esteja vivendo nele, e espero estar vivendo nele com você.

Nesse meio-tempo, tenho que viver com isso e buscar conforto onde posso. Recentemente, conforto, para mim, tem sido a canção de um musical.

* Em tradução livre, “você nunca andar^á sozinho”. (N. E.)



Em 1909, o escritor húngaro Ferenc Molnár estreou sua nova peça, *Liliom*, em Budapeste. Na peça, Liliom, um jovem problemático e por vezes violento que trabalha em um carrossel, conclamando as pessoas para conhecerem a atração, se apaixona por uma mulher chamada Julie. Quando ela engravida, Liliom planeja um assalto para sustentar a família que começa a crescer, mas dá tudo errado, e o rapaz morre. Ele acaba no purgatório por dezesseis anos e, depois desse tempo, recebe a permissão de visitar sua filha Louise, agora adolescente, por um único dia.

Liliom foi um fracasso em Budapeste, mas Molnár não era um dramaturgo carente de autoconfiança. Ele continuou montando a produção pela Europa e, por fim, chegou aos Estados Unidos, onde a tradução da peça recebeu boas críticas teve um sucesso razoável de bilheteria em 1921.

O compositor Giacomo Puccini tentou adaptar *Liliom* para uma ópera, mas Molnár se recusou a lhe vender os direitos, pois queria que “*Liliom* fosse lembrada como uma peça de Molnár, não como uma ópera de Puccini”. Então vendeu os direitos para Richard Rodgers e Oscar Hammerstein, a dupla de teatro musical que fizera sucesso com *Oklahoma!*. Dessa forma, Molnár garantiu que *Liliom* fosse lembrada quase inteiramente como um musical de Rodgers e Hammerstein, sob o novo título de *Carousel*, que estreou em 1945.

Na peça, a música “You’ll Never Walk Alone” é cantada duas vezes — primeiro para encorajar a recém-viúva Julie; e, anos depois, pelos colegas de Louise, em uma cerimônia de formatura. Louise não quer participar do coro — está triste demais —, mas, apesar de seu pai agora ser invisível para ela, a jovem pode sentir sua presença e seu incentivo, e acaba cantando também.



A letra de “You’ll Never Walk Alone” apresenta as imagens mais óbvias: a canção diz “siga em frente no vento e na chuva”, o que não é uma evocação particularmente inovadora de uma tempestade. Também diz “siga em frente com esperança em seu coração”, que é um clichê quase agressivo. E informa que “no fim da tempestade, há um céu dourado e o canto doce e vibrante da cotovia”.* Porém, na realidade, ao fim de um temporal, há galhos de árvores espalhados por todo canto, postes caídos no chão e rios inundados.

No entanto, a música funciona para mim. Talvez seja a repetição das palavras “siga em frente”. Acho que dois dos fatos fundamentais ao ser humano são: 1) Devemos seguir em frente, e 2) Ninguém nunca está sozinho. Podemos nos *sentir* sozinhos (na verdade, nós *vamos* nos sentir sozinhos), mas, mesmo no isolamento mais esmagador, não estamos sozinhos. Como aconteceu com Louise em sua formatura, aqueles que estão longe ou que até já partiram continuam conosco, nos encorajando a seguir em frente.

Todo mundo já gravou uma versão dessa música, de Frank Sinatra a Johnny Cash e Aretha Franklin. Contudo, o cover mais famoso surgiu em 1963, com Gerry & The Pacemakers, uma banda que, assim como os Beatles, era de Liverpool, tinha Brian Epstein como empresário e George Martin como produtor musical. Mantendo-se fiel ao nome, os Pacemakers, criadores de ritmo, mudaram a métrica da canção, acelerando seu andamento e dando à elegia um pouco de vitalidade. A versão se tornou o hit número um no Reino Unido.

* “Walk on through the wind/ Walk on through the rain/ Walk on, walk on/
With hope in your heart/ At the end of a storm/ There’s a golden sky/ And
the sweet silver song of a lark.” (N. E.)

Pouco depois, os torcedores do Liverpool Football Club começaram a cantar a música durante os jogos. Um lendário técnico do time, Bill Shankly, disse ao vocalista dos Pacemakers: “Dei a você um time, e você nos deu uma canção.”

Hoje em dia, as palavras “You’ll Never Walk Alone” estão gravadas em ferro forjado sobre os portões do estádio do Liverpool. Daniel Agger, famoso zagueiro dinamarquês do time, tem as letras YNWA tatuadas nos dedos da mão direita. Sou torcedor do Liverpool há décadas,¹ e, para mim, a música está tão ligada ao clube que, ao escutar as notas de abertura, penso em todas as vezes que a cantei junto com outros torcedores — às vezes, em comemoração; com mais frequência, em lamento.

Quando Bill Shankly morreu, em 1981, Gerry Marsden, vocalista dos Pacemakers, cantou “You’ll Never Walk Alone” no funeral — a música já foi entoada em muitos funerais para diversos torcedores do Liverpool. Para mim, o milagre de “You’ll Never Walk Alone” é que ela funciona como hino fúnebre, como música de formatura e como uma canção de a-gente-acabou-de-vencer-o-Barcelona-na-Liga-dos-Campeões. Nas palavras do ex-jogador e técnico do time, Kenny Dalglish: “Ela abarca a adversidade, a tristeza e também o sucesso.” É uma música sobre continuarmos juntos mesmo quando nossos sonhos estiverem esmigalhados no chão. É uma música que inclui tanto a tempestade quanto o céu dourado.

Pode parecer estranho que o hino de futebol mais popular do mundo venha de um espetáculo musical, mas futebol

¹ Por quê? Quando eu tinha doze anos, jogava no time de futebol da minha escola. Eu era horrível, é claro, e quase nunca entrava em campo. Nós tínhamos um único jogador bom na equipe, um garoto chamado James. Ele era da Inglaterra e nos disse que lá havia times profissionais e que milhares de torcedores ficavam de pé, lado a lado, cantando sem parar durante as partidas. James nos disse que o melhor time da Inglaterra era o Liverpool. E eu acreditei.

é espetáculo, e os torcedores o transformam em um musical. O hino do West Ham United se chama “I’m Forever Blowing Bubbles”, e nos jogos vemos milhares de adultos soprando bolhas de sabão nas arquibancadas e cantando: “Estou eternamente soprando bolhas, belas bolhas no ar/ Elas voam tão alto, quase chegam ao céu/ Então, como meus sonhos, elas desaparecem e morrem.”* Os torcedores do Manchester United adaptaram o hino da Guerra Civil Americana — “Battle Hymn of the Republic”, de Julia Ward Howe — para a música “Glory, Glory Man United”. Os torcedores do Manchester City cantam “Blue Moon”, uma canção de 1934 composta por Rodgers e Hart.

Todas essas músicas ganham peso na voz das comunidades que as cantam. São declarações de união em momentos de sofrimento e de triunfo: não importa se a bolha está voando ou estourando, nós cantamos juntos mesmo assim.

“You’ll Never Walk Alone” é brega, mas não está errada. A música não diz que o mundo é um lugar justo ou feliz. Só pede para seguirmos em frente com esperança. E, como Louise no fim de *Carousel*, mesmo que você não acredite no céu dourado ou no canto doce e vibrante da cotovia quando a música começa, passa a acreditar um pouco mais quando ela acaba.

Em março de 2020, viralizou na internet um vídeo em que paramédicos britânicos cantavam, por uma porta de vidro, “You’ll Never Walk Alone” para colegas na Unidade de Tratamento Intensivo. Os paramédicos tentavam encorajar os amigos. E que palavra apropriada, “encorajar”. Embora nossos sonhos possam estar esmigalhados no chão, ainda assim cantamos para nós mesmos e para os outros um incentivo à coragem.

Para “You’ll Never Walk Alone”, eu dou 4,5 estrelas.

* “I’m forever blowing bubbles, pretty bubbles in the air/ They fly so high, nearly reach the sky/ Then like my dreams, they fade and die.” (N.T.)

Um dos muitos benefícios de amar o Liverpool Football Club é que, com o tempo, curiosidades sobre a música “You’ll Never Walk Alone” entram na nossa consciência por osmose. A citação que mostra a recusa de Molnár em transformar *Liliom* em uma ópera de Puccini veio de *The Sound of Their Music*, de Frederick Nolan, assim como diversas outras informações sobre o musical e a relação de Molnár com o espetáculo. Aprendi com Niki Hua sobre as mudanças que Gerry & The Pacemakers fizeram na música. Gerry Marsden, que morreu no início de 2021, contava frequentemente a história de seu encontro com Shankly, inclusive em uma entrevista a Simon Hart publicada no jornal *Independent* em 2013. Nenhuma vida humana está completa sem a experiência de cantar “You’ll Never Walk Alone” junto com sessenta mil pessoas. Espero que essa seja uma possibilidade para você em algum momento, e espero que volte a ser uma possibilidade para mim em breve.

O TEMPO DE VIDA DA HUMANIDADE

QUANDO EU TINHA NOVE OU DEZ ANOS, vi uma exibição no planetário do Orlando Science Center. Sem qualquer emoção aparente na voz, o apresentador explicou que, em mais ou menos um bilhão de anos, o Sol se tornará 10% mais brilhante do que é hoje, o que provavelmente resultará na evaporação descontrolada dos oceanos da Terra. Em mais ou menos quatro bilhões de anos, a superfície do planeta se tornará tão quente que irá derreter. Em sete ou oito bilhões de anos, o Sol vai virar uma estrela gigante vermelha e se expandir até, por fim, sugar o nosso planeta. Qualquer resquício terráqueo do que nós pensamos, ou dissemos, ou fizemos será absorvido por uma esfera de plasma em chamas.

Obrigado por visitar o Orlando Science Center. A saída fica à esquerda.

Levei a maior parte dos últimos 35 anos para me recuperar dessa exibição. Mais tarde, aprendi que muitas das estrelas que vemos no céu noturno são gigantes vermelhas, incluindo Arcturo. Gigantes vermelhas são comuns. É normal que estrelas cresçam e engulam seus sistemas solares anteriormente

habitáveis. Não é de se espantar que nos preocupemos com o fim do mundo. Mundos acabam a todo instante.

Uma pesquisa de 2012, conduzida em vinte países, revelou uma grande variação na porcentagem de pessoas que acreditam no fim iminente da humanidade. Na França, essa era a opinião de 6% dos que responderam à pesquisa; nos Estados Unidos, o número subia para 22%. Isso faz certo sentido: a França já foi a casa de pregadores apocalípticos — o bispo Martinho de Tours, por exemplo, escreveu: “Não há dúvida de que o Anticristo já nasceu.” Mas isso foi lá no século IV. O apocalipticismo americano tem uma história muito mais recente, desde as previsões de Shaker de que o mundo acabaria em 1794 até os cálculos do famoso evangelista de rádio Harold Camping, segundo o qual o apocalipse chegaria em 1994 — quando isso não aconteceu, a previsão passou para 1995. Depois, Camping anunciou que o fim dos tempos começaria em 21 de maio de 2011, e então teríamos “cinco meses de fogo, enxofre e pragas na Terra, com milhões de pessoas morrendo todos os dias, culminando em 21 de outubro de 2011 com a destruição final do planeta”. Quando nada disso ocorreu, Camping disse: “Nós humildemente reconhecemos que estávamos errados sobre o momento”, embora valha notar que nenhum indivíduo jamais reconheceu humildemente um erro enquanto se referia a si mesmo como “nós”. Lembro-me de uma coisa que meu professor de religião me falou certa vez: “Nunca prediga o fim do mundo. Você quase certamente estará errado, e, se estiver certo, ninguém vai estar lá para lhe dar parabéns.”

O apocalipse pessoal de Camping chegou em 2013, quando ele morreu aos 92 anos. Parte do nosso medo sobre *o mundo* acabar deve vir do estranho fato de que, para cada um de nós, *nosso* mundo vai acabar, e em breve. Nesse sentido, talvez as ansiedades apocalípticas sejam uma consequência da impressionante inclinação da humanidade ao narcisismo. Como o mundo poderia sobreviver à morte do seu mais valioso habitante — eu? Mas acho que há outros elementos em jogo. Em parte, sabemos que vamos ser extintos porque outras espécies foram extintas.

“Seres humanos modernos”, como somos conhecidos pelos paleontólogos, estão aqui há cerca de 250 mil anos. Esse é nosso chamado “tempo de vida”, o período em que existimos como espécie. Os elefantes contemporâneos são ao menos dez vezes mais velhos do que nós — seu tempo de vida se estende até o Plioceno, que acabou há mais de 2,5 milhões de anos. As alpacas existem há aproximadamente dez milhões de anos — sendo quarenta vezes mais antigas do que nós. A tuatara, uma espécie de réptil da Nova Zelândia, surgiu há 240 milhões de anos. Elas estão aqui há um tempo mil vezes superior ao nosso, antes mesmo de o supercontinente Pangeia começar a se dividir.

Somos mais jovens do que os ursos-polares, os coiotes, as baleias-azuis e os camelos. Também somos muito mais jovens do que vários animais que levamos à extinção, do dodô à preguiça-gigante.

Na primavera de 2020, poucas semanas depois de o surgimento do novo coronavírus começar a fechar escolas e esva-

ziar prateleiras de mercados nos Estados Unidos, alguém me enviou uma compilação das vezes em que mencionei publicamente meu medo de uma pandemia causada por uma doença infecciosa. No podcast *10 Things That Scare Me*, coloquei “uma pandemia global que resultará no colapso das normas humanas” quase no topo da lista de coisas que me assustam. Anos antes, em um vídeo sobre a história do mundo, havia especulado sobre o que poderia acontecer “se algum supervírus aparecesse amanhã e viajasse por todas as rotas comerciais globais”. Em 2019, proferi em um podcast: “Devemos nos preparar para a pandemia global que todos sabemos que virá.” Ainda assim, não me preparei nem um pouco. O futuro, mesmo com todas as suas inevitabilidades, sempre me parece vago e nebuloso — até não parecer mais.

Depois que a escola dos meus filhos fechou, e depois de eu encontrar uma máscara que tinha comprado anos atrás para não inalar serragem enquanto construía a casa na árvore, mas muito antes de eu compreender a extensão da pandemia, liguei para meu irmão Hank e disse que estava com medo. Hank é o irmão equilibrado, são, calmo. Sempre foi. Nunca deixamos o fato de eu ter nascido antes impedir que ele fosse o sábio irmão mais velho. Desde criança, uma das minhas formas de controlar a ansiedade é olhar para ele. Meu cérebro não é confiável o bastante para me dizer se uma ameaça que percebo é real ou não, então olho para Hank e, se vejo que ele não está em pânico, digo a mim mesmo que está tudo bem. Se algo estivesse errado *de verdade*, Hank não conseguiria simular tanta tranquilidade e convicção.

Então falei a Hank que estava com medo.

“A espécie vai sobreviver”, respondeu ele, a voz um pouco embargada.

“A espécie vai sobreviver? É só isso que você tem para me dizer?!”

Ele fez uma pausa. Eu podia ouvir o tremor em sua respiração, o mesmo tremor que ele ouviu na minha respiração durante toda a nossa vida.

“É só isso que eu tenho para dizer”, respondeu após uma pausa.

Contei a Hank que tinha comprado sessenta latas de Diet Dr Pepper, para que pudesse beber duas por dia durante o lockdown.

E só então ouvi seu velho sorriso, o sorriso de meu-irmão-mais-velho-é-mesmo-uma-figura.

“Para alguém que passou quatro décadas se preocupando com pandemias, você não sabe mesmo como elas funcionam.”

Uma regra do marketing de varejo diz que, a fim de maximizar as vendas, os negócios precisam criar uma sensação de urgência. *Últimos dias da megaliquidação! Poucos ingressos disponíveis!* Essas ameaças comerciais, sobretudo na era do e-commerce, quase sempre são fictícias. Mas também são eficazes, um eco das nossas visões apocalípticas: se houver uma sensação de urgência sobre o experimento humano, talvez de fato façamos alguma coisa, seja correr para salvar almas antes do Arrebatamento, seja correr para discutir as mudanças climáticas.

Tento lembrar a mim mesmo que, no século IV, a ansiedade escatológica de Martinho de Tours deve ter parecido tão real para ele quanto as minhas ansiedades atuais parecem para mim. Mil anos atrás, inundações e pragas eram vistas como presságios apocalípticos porque indicavam um poder muito

além da nossa compreensão. Conforme eu crescia, em meio à ascensão dos computadores e das bombas de hidrogênio, o bug do milênio e o inverno nuclear se tornaram os candidatos mais comuns a preocupações apocalípticas. Hoje em dia, tais preocupações se concentram em inteligências artificiais que saem de controle ou em uma pandemia aniquiladora para a qual nos provamos completamente despreparados. Na maior parte das vezes, porém, minha preocupação toma a forma de ansiedade climática, ou ecoansiedade — termos que não existiam algumas décadas atrás, mas que agora são fenômenos bastante difundidos.

Os seres humanos já são uma catástrofe ecológica. Em apenas 250 mil anos, nosso comportamento causou a extinção de diversas espécies e levou muitas outras a um declínio acentuado. Isso é lamentável, e cada vez mais desnecessário. Provavelmente não sabíamos o que estávamos fazendo há milhares de anos, quando a caça a grandes mamíferos provocou sua extinção. Mas sabemos o que estamos fazendo agora. Sabemos como respeitar a Terra agora. Podemos escolher usar menos energia, comer menos carne, devastar menos áreas florestais. E escolhemos não fazer nada disso. Como resultado, para muitas formas de vida, a humanidade *é* o apocalipse.

Existem visões de mundo que abarcam cosmologias cíclicas — a escatologia hindu, por exemplo, apresenta diversos períodos de bilhões de anos chamados kalpas, durante os quais o mundo passa por um ciclo de formação, estabilidade e declínio. Porém, em escatologias lineares, o fim da humanidade costuma ser chamado de “fim do mundo”, mesmo que nossa

partida da Terra dificilmente signifique o fim do mundo ou o fim da vida no mundo.

Seres humanos são uma ameaça à nossa própria espécie e a várias outras, mas o planeta vai sobreviver a nós. Aliás, talvez a vida na Terra só precise de alguns poucos milhões de anos para se recuperar dos nossos danos. A vida já superou golpes bem mais sérios. Há 250 milhões de anos, durante a extinção do Permiano-Triássico, a superfície do oceano provavelmente chegou a 40°C. Noventa e cinco por cento das espécies da Terra foram extintas, e, nos cinco milhões de anos seguintes, o planeta foi uma “zona morta” com pouca expansão da vida.

Há 66 milhões de anos, o impacto de um asteroide causou a formação de uma nuvem de poeira tão grande que a escuridão impregnou a Terra por *dois anos*, praticamente acabando com a fotossíntese e levando 75% dos animais terrestres à extinção. Em comparação a esses desastres, nós não somos tão importantes. Quando a Terra estiver livre da gente, vai falar mais ou menos assim: “Bem, a catapora humana não foi agradável, mas pelo menos não peguei a síndrome do meteoro gigante.”

Do ponto de vista evolucionário, a parte mais difícil foi passar de células procariontes para eucariontes, e então de organismos unicelulares para multicelulares. A Terra tem cerca de 4,5 bilhões de anos, uma escala temporal que eu simplesmente não consigo compreender. Em vez disso, vamos imaginar a história do planeta como um ano-calendário, com a formação da Terra começando no primeiro dia de janeiro, sendo hoje 31 de dezembro, às 23h59. A primeira vida na Terra surge por volta de 25 de fevereiro. Os organismos fotossintetizantes aparecem no fim de março. A vida multicelular não dá as caras até agosto ou setembro. Os primeiros dinossauros,

como o eoraptor, surgem há mais ou menos 230 milhões de anos, ou no dia 13 de dezembro do nosso calendário. O impacto do meteoro que anuncia o fim dos dinossauros acontece por volta de 26 de dezembro. O *Homo sapiens* não faz parte dessa história até as 23h48 de 31 de dezembro.¹

Colocando de outra maneira: a Terra levou três bilhões de anos para ir da vida unicelular para a multicelular. Levou menos de setenta milhões de anos para ir do tiranossauro rex para seres humanos que podem ler, escrever, desenterrar fósseis, estimar a linha temporal da vida e se preocupar com o seu fim. A não ser que consigamos, de alguma forma, eliminar toda a vida multicelular do planeta, a Terra não vai precisar começar do zero, e vai ficar bem — pelo menos até os oceanos evaporarem e o planeta ser consumido pelo sol.

Mas até lá já vamos ter partido, assim como nossa memória coletiva e coletada. Acho que parte do que me assusta sobre o fim da humanidade é o fim dessas memórias. Acredito que, se uma árvore cair na floresta e não tiver ninguém lá para ouvir, ela fará barulho mesmo assim. No entanto, se ninguém estiver aqui para tocar discos da Billie Holiday, essas músicas não vão mais produzir sons. Nós causamos muito sofrimento, mas também geramos outros impactos.

Sei que o mundo continuará depois da gente — e, em certos sentidos, será *mais* vivo. Mais cantos de pássaros. Mais criaturas andando por aí. Mais plantas abrindo caminho pelo asfalto, restaurando a natureza no planeta que terraformamos. Imagino

¹ A agricultura, as grandes comunidades humanas e a construção de estruturas monolíticas acontecem no último minuto do ano. A Revolução Industrial, as duas guerras mundiais, a invenção do basquete, da gravação de músicas, da máquina de lavar louça e de veículos mais rápidos que cavalos acontecem nos últimos dois segundos.

coiotes dormindo nos escombros das casas que construímos. Imagino nosso plástico ainda surgindo nas praias centenas de anos depois de o último ser humano desaparecer. Imagino mariposas, sem luzes artificiais para seguir, dirigindo-se à lua.

Para mim, há algum conforto em saber que a vida vai continuar mesmo sem a gente. Mas eu diria que, quando nossa luz se apagar, será a maior tragédia da Terra. Embora eu saiba que os seres humanos têm um exagerado sentimento de autoimportância, também acho que somos, de longe, a coisa mais interessante que já aconteceu no planeta.

É fácil esquecer como os humanos são maravilhosos, estranhos e amáveis. Por meio da fotografia e da arte, vemos coisas que não veríamos de outra forma — a superfície de Marte, os peixes bioluminescentes da zona abissal do oceano, uma moça do século XVII com um brinco de pérola. Através da empatia, sentimos coisas que talvez nunca pudéssemos sentir. Através do rico mundo da imaginação, vimos apocalipses grandes e pequenos.

Somos a única parte do universo conhecido que sabe que está em um universo. Sabemos que estamos girando em torno de uma estrela que um dia nos engolirá. Somos a única espécie que tem consciência de que possui um tempo de vida.



É impossível saber se estamos nos aproximando do fim do nosso tempo de vida. Organismos complexos tendem a ter tempos de vida menores do que os simples, e a humanidade enfrenta desafios enormes. Precisamos encontrar uma forma de sobreviver a nós mesmos — de seguir em frente em um mundo em que somos poderosos o bastante para aquecer o

planeta inteiro, mas não poderosos o bastante para impedir esse aquecimento. Talvez ainda tenhamos que sobreviver à nossa própria obsolescência, já que a tecnologia está aprendendo a fazer o que fazemos, e de uma maneira ainda melhor. Contudo, estamos mais bem posicionados para resolver nossos maiores problemas do que estávamos há um século ou há um milênio. Os humanos de hoje têm uma capacidade mental coletiva mais forte do que nunca, e mais recursos, mais conhecimento coletado por nossos ancestrais.

Também somos incrivelmente, estupidamente teimosos. É provável que os primeiros seres humanos tenham usado diversas estratégias para caçar e pescar, mas uma muito comum era a caça de persistência. Nesse tipo de caçada, o predador depende da sua habilidade de rastreamento e de pura perseverança. Nós seguíamos presas por horas e, cada vez que ela corria para longe, a seguíamos, e ela corria de novo, e a seguíamos, e ela corria outra vez, até que, por fim, a presa ficava exausta demais para continuar. É assim que, por dezenas de milhares de anos, nos alimentamos de criaturas mais rápidas e mais fortes do que nós.

Nós. Sempre. Seguimos. Em. Frente. Nos espalhamos por sete continentes, incluindo um que é frio demais para nós. Velejamos por oceanos em busca de terras que não conseguíamos enxergar, sem nem saber se as encontraríamos. Uma das minhas expressões favoritas é “teimoso como uma mula”. Adoro quando dizem que alguém é “teimoso como uma mula”. Não me entenda mal — as mulas são bem obstinadas. Mas a expressão deveria ser *teimoso como um humano*. Determinado como um humano.

Durante a maior parte da minha vida, acreditei que estávamos no último quarto da história humana, talvez até nos

seus dias derradeiros. Mas, ultimamente, comecei a pensar que tamanho desespero só piora a nossa chance já pequena de sobreviver a longo prazo. Devemos lutar como se houvesse algo por que lutar, como se valêssemos a pena, porque valemos. E, assim, escolho acreditar que não estamos nos aproximando do apocalipse, que o fim não está chegando e que vamos encontrar uma maneira de sobreviver às mudanças vindouras.

“A mudança”, escreveu Octavia Butler, “é a única inevitável, irresistível, contínua realidade do universo”. E quem sou eu para dizer que não iremos mais mudar? Quem sou eu para dizer que Butler estava errada quando escreveu que “O destino da Semente da Terra é criar raízes entre as estrelas”?^{*} Hoje em dia, escolho acreditar que nossa persistência e nossa capacidade de adaptação vão nos permitir continuar mudando com o universo por muito, muito tempo.

Por enquanto, com reles 250 mil anos, é difícil dar ao tempo de vida da humanidade mais de uma estrela. Porém, mesmo tendo achado as palavras do meu irmão angustiantes a princípio, hoje me vejo repetindo-as e acreditando nelas. Ele tinha razão. Sempre tem. A espécie vai sobreviver a isso, e a muitas outras coisas.

Assim, cheio de esperança e expectativa, para o nosso tempo de vida, eu dou quatro estrelas.

^{*} *A Parábola do Semeador*. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018. Tradução de Carolina Caires Coelho. (N. E.)

A ideia para este ensaio surgiu de uma conversa com meu amigo e colaborador de longa data Stan Muller. Há muitas versões da analogia que reduz a história da Terra a um ano, mas me apoiei sobretudo em uma linha temporal desenvolvida pelo Kentucky Geological Survey. A pesquisa que indica como pessoas de diversos países têm crenças diferentes sobre a chegada do apocalipse foi feita pela Ipsos Global Affairs. A maior parte das informações sobre a Extinção do Permiano-Triássico veio de uma matéria de Christine Dell'Amore, publicada em uma *National Geographic* de 2012, chamada “‘Lethally Hot’ Earth Was Devoid of Life — Could It Happen Again?” [“Terra ‘letalmente quente’ era desprovida de vida — Isso poderia acontecer de novo?”]. (Alerta de spoiler: poderia. Na verdade, vai acontecer.) As citações de Octavia Butler são de *A parábola dos talentos*. A ideia de ver coisas que nunca veríamos veio a mim por intermédio do trabalho do artista David Brooks, em seu desafio para a série *The Art Assignment* que está presente no livro *You Are an Artist*, de Sarah Urist Green. A informação sobre o aumento da média de temperatura global após a Revolução Industrial vem do National Climatic Data Center da instituição NOAA.

QUE JOHN GREEN É UM DOS AUTORES CONTEMPORÂNEOS MAIS QUERIDOS NÃO É NOVIDADE. SUA SENSIBILIDADE E SEU TALENTO PARA TRAÇAR HISTÓRIAS INESQUECÍVEIS TORNARAM SEUS ROMANCES SUCESSOS MUNDIAIS, E AGORA O CELEBRADO ESCRITOR NOS OFERECE UMA NECESSÁRIA DOSE DE ESPERANÇA EM SUA ESTREIA NA NÃO FICÇÃO.

Refletindo sobre temas que vão de *Super Mario Kart* e o pôr do sol a pinturas rupestres e o hábito de procurar estranhos no Google, os ensaios perspicazes e bem-humorados reunidos nesta coletânea são uma celebração genuína da capacidade humana de se apaixonar pelo mundo.

O termo "Antropoceno" foi proposto para designar a era geológica atual, em que os seres humanos remodelaram o planeta e sua biodiversidade de maneira profunda, para o bem e para o mal. A humanidade é cheia de facetas contraditórias e invenções intrigantes, e John Green se propõe a avaliá-las de forma nada imparcial. Afinal, no Antropoceno, não há observadores desinteressados, apenas participantes. Como o próprio autor reconhece, esses ensaios também são, de certa forma, uma autobiografia.

Escrito em parte durante o turbulento período de pandemia global e baseado em seu podcast de sucesso, *Antropoceno: notas sobre a vida na Terra* nos guia pelas sutilezas dessa nova realidade e nos dá a segurança de que podemos até desconhecer o caminho que estamos seguindo, mas com certeza estamos em boa companhia.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1097/>